

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



ENTRE TEXTO E (RE)EXISTÊNCIA: A ESCRITA COMO INSTRUMENTO FORMADOR DO SUJEITO

Maria Luísa Nascimento Gonçalves

Larissa Hagemann

Felipe Gustsack

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 1 – Poéticas, interculturalidades, infâncias e Educação

INTRODUÇÃO

A escrita constitui-se como uma das mais significativas invenções humanas, não apenas como técnica de registro, mas como prática cultural e histórica, de constituição subjetiva e emancipação social. Ela não nasce apenas da necessidade de se comunicar, mas do desejo de existir. O ato de escrever se apresenta como travessia que dá possibilidades ao sujeito de manifestar-se no mundo, construir sua identidade e transformar sua realidade. Nesse sentido, compreende-se a escrita como campo em que o sujeito não apenas se expressa, mas se encontra e se reinventa.

A experiência de Carolina Maria de Jesus (1992), em *Quarto de despejo*, evidencia a escrita como instrumento de resistência e construção subjetiva. Carolina escreve como quem respira para sobreviver.

Ao registrar seu dia a dia, marcado pela fome e pelas desigualdades sociais, a autora não apenas documenta a pobreza, mas também emerge do anonimato. Sua escrita se tornou uma prova de que sua vida, sua dor e sua existência tinham valor e mereciam ser vistas, expostas, dadas a conhecer. Ao mesmo tempo, sua ação de escrever constituiu um espaço de elaboração identitária, no qual sua voz adquiriu visibilidade e rompeu com o silenciamento histórico a que estava submetida. É pela escrita que a autora conquista o direito de existir no espaço da história.

Na perspectiva psicanalítica, Sigmund Freud (1856-1939), fundador da Psicanálise, a palavra é via régia para o inconsciente, aproximando a escrita do processo de elaboração subjetiva. Assim, escrever torna-se um modo de elaborar o indizível - de tocar o recalçado, de organizar o caos simbólico da própria existência.

Freud reconheceu que o sujeito é atravessado pela linguagem, sendo o inconsciente estruturado como um texto. Deste modo, escrever é uma forma de cura: o texto torna-se espelho e refúgio, um lugar onde o sujeito se reencontra com aquilo que o habita. Para além da expressão do inconsciente, o trabalho da escrita é “uma alternativa possível ao sujeito para que ele siga, retome

sua constituição, para que ele possa se dizer” (Sei e Moschen, 2014).

Para Paulo Freire (1921-1997), a educação envolve e se torna um processo de conscientização que pode levar à autonomia; ou seja, à capacidade do sujeito de pensar e agir por sua própria conta, por si mesmo. Isso, no âmbito da linguagem, significa que a aprendizagem da leitura e da escrita (a alfabetização) vai possibilitar ao indivíduo "ler o mundo", cujos sentidos emergem com e nas palavras pelas quais ele o nomeia. Por tanto, alfabetizar significa, sobretudo, inserir o sujeito na leitura crítica da realidade; escrever torna-se, assim, um modo de reescrever e intervir no mundo. Nessa perspectiva, a escrita, com a concepção que procura-se apresentar, é uma espécie de ferramenta que dá voz ao oprimido, àquele que vive reprimido, na marginalidade, na invisibilidade social.

É nesse entrelaçamento - entre a voz revolucionária de Carolina, a escuta profunda de Freud e a esperança libertadora de Freire - que estrutura-se este estudo, cujo objetivo é evidenciar a escrita como espaço de constituição do sujeito, lugar onde a Educação, a Psicanálise e a Literatura Brasileira se encontram para revelar o poder transformador da palavra.

MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico e reflexivo, desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica que privilegia o diálogo entre a Psicanálise, a Educação e a Literatura Brasileira. O método utilizado não se limita à análise de conceitos, mas propõe uma escuta das palavras e dos silêncios que atravessam os textos escolhidos, buscando compreender a escrita como gesto de constituição subjetiva e de resistência simbólica.

Foram selecionadas três vertentes principais: (1) a psicanálise freudiana, tomando como base *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Recordar, repetir e elaborar* (1914), obras nas quais a palavra é compreendida como via de acesso ao inconsciente; (2) a pedagogia freireana, especialmente em *Pedagogia do oprimido* (1987) e *Pedagogia da autonomia* (1996), que analisa a leitura e a escrita enquanto prática de liberdade e conscientização; (3) a literatura de resistência de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo* (1992), diário no qual a autora revela as tensões entre invisibilidade social e constituição de si pela palavra.

A análise se concentrou em identificar pontos de convergência entre as três perspectivas que possibilitem compreender a escrita como território de constituição subjetiva, tanto em sua dimensão íntima quanto em seu impacto social e político.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Carolina Maria de Jesus: escrita como sobrevivência e resistência

Carolina Maria de Jesus, catadora de papel e moradora da favela de Canindé, em São Paulo, fez de seus diários um espaço de resistência frente à exclusão social. Em *“Quarto de Despejo”* (1992), a autora registra sua fome, sua indignação e sua luta diária. Mas, para além do relato da miséria, há na escrita um gesto de constituição: Carolina escreve para existir, para afirmar-se como sujeito

diante de uma sociedade que a relegava ao silêncio.

Em passagens como “[...] Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. [...] Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome, não são exigentes no paladar” (Jesus, 1992, p. 26), é possível perceber o entrelaçamento entre dor e criação. A palavra torna-se alimento simbólico, abrigo e espelho. Sua escrita não apenas revela a realidade brutal da favela, mas também cria um território de elaboração psíquica - um “quarto” simbólico em que a autora organiza o caos, converte a dor em narrativa e dá forma à própria subjetividade.

Em outra passagem, Carolina confessa: “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (Jesus, 1992, p. 19). Nesse gesto, revela-se a potência da escrita como via de sublimação, como forma de transformar o sofrimento em linguagem e o silêncio em expressão.

Freud: a palavra como via do inconsciente

Freud, ao afirmar que o inconsciente se expressa pela linguagem, abre caminho para pensar a escrita como campo de elaboração subjetiva. Em *“A interpretação dos sonhos”* (1900), o psicanalista compara o sonho a um texto cifrado, trazendo a metáfora da leitura e escrita como modelo para compreender os processos inconscientes.

Na obra *“Recordar, repetir e elaborar”* (1914), destaca o papel da elaboração que implica em transformar repetições inconscientes em narrativas conscientes. O conceito de elaboração, tema central no texto, pode ser visto como análogo ao processo criativo na arte e na escrita. É o trabalho psíquico que permite transformar o repetir (ação inconsciente e compulsiva) em recordar (consciente) e, finalmente, em elaborar (superação e criação de novos significados). A escrita, a arte e a literatura podem ser vistas como meios de elaboração da existência do ser.

Sob a ótica freudiana, a escrita pode ser compreendida como dispositivo de elaboração subjetiva: ao escrever, o sujeito organiza suas experiências, simboliza o indizível e torna visível aquilo que antes permanecia oculto. Tal como os sonhos, a escrita pode condensar, deslocar sentidos, permitindo que o inconsciente encontre caminhos de simbolização. Escrever, portanto, é também recordar e elaborar, sobretudo, é dar corpo e voz ao que antes era silêncio ou sintoma.

Paulo Freire: a palavra como prática de liberdade

No campo da educação, Paulo Freire compreende a palavra como ato político e instrumento de conscientização. Em *“Pedagogia do Oprimido”* (1987), afirma que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, pois antes de decifrar letras, o sujeito precisa interpretar a sua realidade. Escrever, portanto, não é apenas exercício técnico, muito menos é um ato considerado “neutro”, mas configura-se como gesto de consciência e emancipação, no qual o indivíduo se reconhece como agente histórico.

Em *“Pedagogia da Autonomia”* (1996), Freire desloca a escrita do papel de mero instrumento técnico para o papel de ferramenta formativa. O autor reforça que a escrita é caminho de formação da autonomia, na medida em que possibilita ao sujeito não apenas registrar o vivido, mas criticá-

-lo, transformá-lo e, assim, transformar-se. A escrita, nesse contexto, é prática ideológica: conecta o 'eu' ao mundo, o singular e o coletivo. Como afirma o autor, "a leitura do mundo e a leitura da palavra se reconstituem mutuamente" (Freire, 1996), indicando que o ato de escrever também é um ato de se libertar: resistir à opressão.

CONCLUSÕES

A ação de escrever nomeia a pessoa para si mesma ao mesmo tempo em que a torna visível ao mundo, o que faz de seu resultado, que é a escrita, um artefato de reconhecimento e constituição do sujeito ao articular dimensões psíquicas, educativas e sociais. Em Carolina, escrever é resistir e sobreviver; em Freud, é elaborar e simbolizar; em Freire, é emancipar e transformar. A escrita é lugar de elaboração da dor, de afirmação de identidade e de projeção da subjetividade, mas também campo de diálogo e transformação social.

No campo educacional, essa ideia implica repensar concepções pedagógicas que reduzem a escrita à técnica, abrindo espaço para reconhecê-la como formação integral do sujeito. Na Psicanálise, convida a considerar a escrita como prolongamento do trabalho do inconsciente. E, na Literatura, mostra-se como ato de rebeldia, potencializando movimentos de resistência e visibilidade de sujeitos historicamente silenciados.

Conclui-se, portanto, que a escrita deve ser compreendida como território de encontro entre Arte, Psicanálise e Educação, capaz de integrar dimensões íntimas e coletivas, inconscientes e históricas. Ao pensar a escrita como espaço de constituição do sujeito, abre-se a possibilidade de uma pedagogia que articula subjetividade e emancipação, promovendo não apenas a formação acadêmica, mas a transformação da própria existência. A escrita revela-se como ato de reexistência: espaço em que o humano se torna possível, em que a voz rompe as fronteiras do silêncio e o sujeito, enfim, se reconhece como autor de sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Escrita; Inconsciente; (In)Visibilidade; Autonomia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). Obras completas, v. IV. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar** (1914). Obras completas, v. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

SEI, Carla Cervera; MOSCHEN, Simone. **Da escrita no corpo à escrita no papel:** os caminhos do aprender a escrever. *Estilos clínicos*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 325-338, ago. 2014.